

HABITAR. A CASA COMO CONTINGÊNCIA DA CONDIÇÃO HUMANA¹

Teresinha Maria Gonçalves²

Resumo

Este texto trata-se de uma reflexão crítica e teórica dentro do processo de uma pesquisa iniciada em 2007 e ainda em andamento. A pesquisa que proporciona esta reflexão teórica cobre um recorte temporal de 2007 a 2010, totalizando oito semestres e resultando num material de campo que envolveu, por semestre, 40 sujeitos, o que configurou um coletivo de pesquisa de 320 sujeitos. Coordenada pela autora deste texto, tal pesquisa ocorre no âmbito do Laboratório de Meio Ambiente, Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Urbano da Universidade do Extremo Sul Catarinense, situada em Criciúma, SC, Brasil. O objetivo desta reflexão e crítica teóricas, bem como o da pesquisa é ampliar os horizontes para a compreensão do

INHABITING. THE HOUSE AS A CONTINGENCY OF HUMAN CONDITION¹

Teresinha Maria Gonçalves²

Abstract

This paper is part of a critical and theoretical reflection framed within a research process that began in 2007 and is still ongoing. The research provided by this theoretical reflection covers a temporary line spanning the 2007-2010 period, totalizing eight terms, involving 40 study subjects per term and resulting in a field work that accounted for more than 320 subjects. This research, coordinated by the author, was carried out in the Laboratory for Environment, Urban Development and Environmental Psychology at the University of the Extreme South of Santa Catarina, located in Criciúma, SC, Brazil. The aim of this critical and theoretical reflection, and the research from which it is derived, is to expand the horizons for

processo de apropriação da casa, da moradia. Referido processo é, em grande parte, detectável por meio da identificação das dimensões simbólicas da casa – personificação, cultivação e sentimento de pertença. O texto faz um breve contraponto com o contexto social da pesquisa e com as políticas públicas de habitação no Brasil, concluindo com um recorte de análise preliminar de dados da pesquisa em processo e apontando questões importantes para seu aprofundamento.

PALAVRAS-CHAVE: HABITAÇÃO, APROPRIAÇÃO, LUGAR ESSENCIAL, PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE, IDENTIDADE.

Fecha de recepción: 26-06-2013

Fecha de aceptación: 17-01-2014

-
- 1 Este estudo tem sua origem no Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Estudos e Pesquisa sobre Meio Ambiente e Espaço Urbano. O espaço físico de discussão desse grupo é o Laboratório de Meio Ambiente, Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Urbano.
As investigações são financiadas pelo setor de pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC/Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão-PROPEX e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq do governo brasileiro. Tanto o grupo de pesquisa quanto o laboratório estão ligados ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (mestrado e doutorado) da UNESC.
 - 2 Brasil. Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestrada em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorada em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal do Paraná. Professor titular da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Correo electrónico: tmg@unesc.br.

the understanding of the inhabiting and housing appropriation processes. Such a process can be detectable through the identification of the symbolic dimensions of dwellings: embodiment, cultivation and sense of belonging. This contribution offers a brief comparison between the social context of the research and the social housing policies operating in Brazil, concluding with a preliminary analysis of research data and underlining important aspects that deserve further exploration.

KEYWORDS: HOUSING, APPROPRIATION, ESSENTIAL PLACE, SUBJECTIVITY PRODUCTION, IDENTITY

Received: 26-06-2013

Accepted: 17-01-2014

-
- 1 This research derives from the Interdisciplinary and Interinstitutional Group of Studies and Research on Environment and Urban Space. The physical space for discussion is the Laboratory for Environment, Urban Development and Environmental Psychology. This study is funded by the research unit of the University of the Extreme South of Santa Catarina-UNESC/Postgraduate, Research and Extension Office-PROPEX and the National Council on Scientific and Technologic Development-CNP. Both the research group and the laboratory are related to the UNESC Postgraduate Program on Environmental Sciences (Master's and Doctor's levels).
 - 2 Brazil. Social Service graduate, Pontifical Catholic University of Paraná, MA in Psychology (Social Psychology), Pontifical Catholic University of São Paulo, PhD in Environment and Urban Development, Federal University of Paraná. Professor, University of the Extreme South of Santa Catarina. Email: tmg@unesc.br

Introdução

SOBRE O TEMA DA PESQUISA

A casa como contingência da condição humana nos remete a Heidegger³, quando em sua obra, intitulada *Ser e o Tempo*, este fala da busca constante do lugar essencial. Trata-se da essência do ser que se expressa pela linguagem que é poética. A casa poética de que fala Bachelard⁴ também se constitui uma linguagem.

Valadares⁵ nos apresenta outra perspectiva ao falar que sempre estamos em busca de nosso lugar. Os caminhantes antigos, os nômades do deserto, os nossos caminhantes andarilhos de rua ou os que não são andarilhos, mas moram na rua, esses também estão incluídos na busca do seu lugar: ter uma casa que vá além do corpo. A qualidade do espaço e da habitação humana está ligada ao conceito de lugar central enraizador, ponto de referência de um sujeito corpóreo no mundo. A casa é a apresentação única e singular, vívida e situada dos sujeitos a transformar-se, depois, em representação; aquilo que pode constituir o fato histórico de a condição humana somente ser humana se for testemunha dessa transformação, ou seja, a casa passa a ser

a continuidade do sujeito tanto biológica quanto simbolicamente.

Estamos falando de casa em oposição à “casa biológica”, aquela que, mais especificamente, se expressa com a Revolução Industrial no fim do século XIII e que estabelece a casa funcional, ou seja, a casa com a função específica de abrigar um corpo que deveria ser preservado para o trabalho nas fábricas. Do cortiço no entorno das fábricas até a casa popular destinada às classes trabalhadoras houve uma evolução, mas permaneceu a mesma função, qual seja: a casa serve para abrigar o corpo; mantê-lo abrigado em um lugar para dormir, comer, banhar-se, entre outras coisas.

Neste texto conceito de urbanidade caminha em direção a uma vida não mais animal, mas humana, portanto, traz a reflexão de que a casa ultrapassa a dimensão funcional e passa a ser uma necessidade humana primordial, em que o sujeito se recompõe e vai juntar seus pedaços desde quando saiu da pachorra animal⁶.

O conceito de urbanidade caminha em direção a uma vida não mais animal, mas humana. Esse ser humano necessita alimentar seu corpo e sua “alma” para que o sujeito/humanidade crie desejos e necessidades que ultrapassem a pachorra animal.

3 Heidegger, 2002.

4 Bachelard, 1998.

5 Valadares, 2000.

6 Ibid.

A qualidade do espaço e da habitação humana, portanto, está ligada ao conceito de civilidade, de urbanidade, de direito à habitação e, ao mesmo tempo, de compromisso com o coletivo.

Os espaços coletivos são o entorno (a rua, a calçada, o parque) que abraçam a casa e, ao mesmo tempo, abrem suas portas para que o sujeito encontre o outro, a sua realização e a sua felicidade.

Este aprofundamento teórico sobre o espaço e a habitação humana eleva a discussão sobre o planejamento urbano, a qualidade de vida das cidades, os estados psicológicos, a violência urbana e as políticas de habitação. “Essas significações se superpõem às praças, aos espaços da engenharia e da arquitetura e a tudo o que é usado pela linguagem, como espaço da lei e da legalidade, transformando-os novamente em lugares”⁷.

No espaço privado da casa podemos ser nós mesmos. A casa, portanto, é o refúgio no qual permitimos a nós expressar-nos integralmente. A noção de refúgio da casa no qual se sentiam remonta à própria história da evolução da espécie. Para os ancestrais, a primeira casa, a caverna, no qual se sentiam protegidos das ameaças externas; onde se sentiam confortáveis para relaxar, amar e cuidar uns dos outros.

Contudo, o homem nunca quis sentir-se só, em sua casa. Precisou do convívio. Na sua solidão inicial

7 Ibid., p. 85.

domesticou o lobo para ser seu amigo e companheiro, como existe até hoje “o cão amigo do homem”. Com isso, Valadares⁸ ressalta que a casa é memória e convívio, espaço de interação, de rituais e de partilha. As potencialidades do espaço-ambiente possibilitam ao sujeito a busca da sabedoria, do conhecimento, condição central de sua existência. O homem nunca abandona a busca de seu lugar. E o mais próximo é a sua casa habitada, a qual está sempre ligada à possibilidade de segurança e proteção.

Tendo no horizonte esta perspectiva, o presente texto pretende estabelecer, mesmo a nível inicial, um diálogo entre aspectos das políticas públicas de habitação no Brasil, aspectos do contexto social da cidade de Criciúma-SC e as contribuições de autores considerados relevantes no debate da temática, dentro de um enfoque interdisciplinar, destacando, sobretudo, o processo de apropriação, a simbologia da casa e o conceito de identidade de lugar.

A reflexão teórica que se reconstrói na introdução nos remete, num primeiro plano, às políticas públicas sobre habitação numa dimensão profunda da discussão sobre a necessidade de moradia. Analisando os programas habitacionais para as pessoas chamadas de “baixa renda”, desde a criação, no Brasil, do Banco Nacional da Habitação – BNH, até o atual programa chamado de “Minha Casa Minha Vida”, percebe-se que a concepção

8 Ibid.

de casa, permanece àquela da casa biológica para abrigar o corpo sem a preocupação com a dimensão cultural e simbólica que envolve o processo de apropriação. O “Minha Casa Minha Vida” faz um forte apelo emocional que já vem expresso no nome do programa, principalmente junto àquelas pessoas que nunca tiveram uma casa digna e que, por meio desse programa, poderão ter uma casinha de 32 metros quadrados, embora o mesmo ofereça opções de casas maiores. Segundo Valladares⁹, um exame da literatura sobre habitação no Brasil mostra que há uma tendência acentuada de se discutir quase que exclusivamente os estudos de certos espaços residenciais não menos importantes como os loteamentos de periferia, o cortiço e as vilas operárias. E a tendência, diríamos, segue com a preocupação de “dar um teto”, uma proteção ao corpo, nunca se preocupando com as outras necessidades humanas ligadas a casa como memória e convívio, lugar identificador e enraizador onde se produz a subjetividade. A casa como lugar de amparo, de conforto, de proteção e de segurança, como preconiza a Psicologia Ambiental.

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA PESQUISA

A história de Criciúma confunde-se com a história da produção do carvão mineral no Brasil. Ela testemunha, de maneira clara e didática na escala local,

os impactos negativos da relação entre a sociedade e a natureza que no país são reproduzidos.

Graves problemas socioambientais de toda ordem e derivados da produção carbonífera são vivenciados de maneira heterogênea, na região e no município, pela população, há mais de um século. A exploração e beneficiamento do carvão em Criciúma refletem diretamente os efeitos degradantes e predatórios da aludida relação.

A questão da moradia também ficou comprometida nesse contexto uma vez que as mineradoras formavam as vilas operárias em torno das minas de carvão sem qualquer tipo de planejamento. As condições sanitárias eram as mais terríveis se comparadas aos cortiços onde moravam os operários ingleses no período da Revolução Industrial. Quando o carvão acabava, a mina ficava desativada, assim como algumas casas onde moravam os que não podiam mais trabalhar, bem como as viúvas e os agregados. Essa é a origem dos bairros de Criciúma, cuja toponímia é dada pelas próprias minas. Assim é que temos os bairros *Mina Quatro*, *Mina do Toco*, *Mina Brasil*, *Mina do Mato*, *Mineira Velha*, entre outros bairros que seguem tal denominação.

As casas pertenciam às mineradoras, assim como a água, a luz e o principal transporte – o trem. Para

9 Valladares, 1980.

as pessoas que nelas habitavam eram algo meramente funcional, sendo sua apropriação difícil. E se o trabalhador das minas ficasse desempregado, teria que deixar a casa. Como toda “Cidade Eldorado”, Criciúma se tornou uma cidade polo, agregadora de gente de toda a região, por oferecer trabalho, apesar do mesmo ser penoso. Muitos trabalhadores vieram do campo e outros da região costeira (pescadores artesanais). Quando o mineiro se aposentava, pensava em adquirir seu terreno e nele construir sua própria casa, de sua propriedade, onde pudesse retomar o verdadeiro sentido da habitação, conforme os argumentos teóricos aqui apresentados.

Quando o carvão deixou de ser a principal atividade econômica de Criciúma, a qual se constitui hoje o segundo polo cerâmico do mundo, as companhias carboníferas deixaram de ser donas da cidade doaram muitos terrenos foram doados aos ex-trabalhadores. Esses terrenos são áreas ambientalmente degradadas, as quais deveriam ser recuperadas pelas mineradoras. Ao invés disso, elas foram doadas repletas de rejeitos de carvão às pessoas pobres.

Os programas de habitação popular custaram a chegar a Criciúma. Antes deles as pessoas, por conta própria, procuravam adquirir sua moradia por meio de recursos próprios que, muitas vezes,

foram economizados ao longo toda uma vida. A casa e sua melhoria constituiu-se um sonho, um projeto de vida.

Como não é era uma cidade grande nem uma metrópole, onde a carência de habitação pressiona frontalmente o setor, Criciúma ficou ao largo das políticas habitacionais para as classes populares. Mas outros segmentos mais abastados sempre tiveram acesso ao financiamento da habitação. Foi a partir de 2010 que a atenção do governo federal voltou-se para essa região e que o Programa “Minha Casa Minha Vida” financiado pela Caixa Econômica Federal, um banco do governo federal chegou à cidade. O programa “Minha Casa Minha Vida” segue os mesmos padrões das décadas de 50 e 60 nos tempos do então Banco Nacional da Habitação-BNH. O governo adquire uma extensão de terra e ali constrói dezenas ou até milhares de casinhas muito próximas umas das outras, sem calçadas e arruamento que deem condições de delimitação nítida entre o espaço público e o espaço privado, condição que, para a Psicologia Ambiental, é de suma importância no processo de produção de nossa subjetividade. Esse processo é aqui entendido como nosso campo psicológico, o qual abarca as dimensões cognitiva, afetiva, interativa, simbólica e estética. No espaço público está o outro, o essencial para a formação de nossa identidade¹⁰

10 Senett, 1997.

A construção de imaginários e representações sobre a casa ou a cidade, de acordo com Leitão¹¹, implica considerarmos os conceitos de inserção e de apropriação. Para compreendermos essas categorias, precisamos inserir a reflexão sobre estas categorias, no contexto da cidade de Criciúma, SC, Brasil, *lôcus* da pesquisa e questão. Uma cidade de porte médio, Criciúma contém cerca de 200 mil habitantes e é polo de uma região carbonífera que se constituiu um centro agregador de pessoas das mais variadas regiões do estado de Santa Catarina e de estados vizinhos. Como se deu a inserção desses atores sociais, “forasteiros” referindo aqui o conceito de Sennett¹², é uma pergunta a ser respondida. Como se deu o processo de inserção no sentido social e de localização espacial? De que maneira os hábitos culturais, o modo de vida e os valores se misturaram e se transformaram nesse ambiente heterogêneo?

Geralmente, as pessoas chegam a esses “eldorados” à procura de melhores condições de vida por meio do emprego. A mineração na região carbonífera de Santa Catarina, apesar de ser um trabalho penoso e árduo, oferecia trabalho e salário garantido no final de cada mês. A maioria de seus empregados era composta por forasteiros, quer o imigrante que chegou para trabalhar na agricultura e que deixava a roça em busca de um salário fixo, quer os

pescadores artesanais da costa litorânea de Santa Catarina e de outros estados. De acordo com Filho y Carola¹³, os forasteiros não se rejeitavam nem rivalizavam entre si, pelo contrário, eles eram e são bem-vindos à região até hoje. Todos buscavam ganhar alguma coisa material para melhorar suas vidas.

OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é identificar a maneira como se dá, ou não, o processo de apropriação da casa. A casa apropriada é o “lugar essencial” para o sujeito, lugar onde este produz sua subjetividade e constrói sua identidade.

Estratégia metodológica

Esta pesquisa sobre o processo de apropriação da casa, segundo o método proposto pela Psicologia Ambiental, vem sendo desenvolvida com o objetivo de captar as fases do processo de apropriação: **identificação, personificação, cultivo e sentimento de pertença**. Fez-se um recorte dos anos de 2007 a 2010, para que se iniciasse uma discussão reflexiva e crítica do estudo, a fim de avaliar seus métodos e resultados. Referida discussão inicia-se com este artigo. O total de sujeitos que compõe o

11 Leitão, 2004.

12 Sennett, 1997.

13 Filho y Carola, 2011.

coletivo do estudo é 320, distribuído entre 40 sujeitos por semestre. Os métodos empregados foram: (1) a história de vida entendida como uma narrativa dos sujeitos sobre suas trajetórias individuais, com foco na sua relação com as casas em que moraram desde a infância até a casa onde atualmente residem; (2) o método etnográfico que, neste estudo, é visto com uma atenta e detalhada observação que utiliza várias técnicas, como a narrativa, a fotografia, o desenho, entre outras formas de expressão do sujeito ou dos grupos pesquisados. As concepções desses dois métodos estão embasadas no texto de Denzin & Lincoln¹⁴. Os instrumentos auxiliares utilizados foram o gravador, a máquina fotográfica, folhas de papel A4, lápis, caneta, prancheta e diário de campo.

Os conceitos chave do marco teórico aqui desenvolvido deram o delineamento principal na análise dos dados da pesquisa retratando os momentos do processo de apropriação: **identificação, personificação, cultivação e sentimento de pertença que compõem o processo de apropriação**, segundo Pol¹⁵. Também os conceitos de **lugar essencial**¹⁶ e **identidade de lugar**¹⁷.

Foi utilizado o termo de consentimento livre e esclarecido que o mesmo é um instrumento de

pesquisa do Comitê de Ética da UNESCO. Nesse termo o sujeito autoriza, por escrito, o pesquisador a publicar a sua narrativa em trabalhos científicos, assim como as imagens tomadas da casa e do entorno.

Os critérios para a composição do coletivo da pesquisa foram os seguintes: consentir participar da pesquisa e ser maior de 18 anos; não ter grau de parentesco com o pesquisador nem fazer parte de suas relações pessoais. Assim, participaram da pesquisa sujeitos de ambos os sexos, das mais diferentes profissões, com diferentes graus de escolaridade, de várias procedências (onde moraram antes de chegar a Criciúma) e de diversas classes sociais.

Por esse motivo, os dados coletados são as falas dos sujeitos participantes, que foram gravadas e transcritas. Depois de revisadas as transcrições, os pesquisadores as imprimiram e as levaram até os entrevistados, para que estes dessem sua aprovação e fizessem as possíveis correções, conforme orientação do Comitê de Ética em Pesquisas com Humanos da UNESCO. Foram analisadas de acordo com conceitos fundamentais de sustentação do marco teórico e por meio dos registros etnográficos – fotográficos e desenhos.

14 Denzin y Lincoln, 2006.

15 Pol, 1996.

16 Heidegger, 2002.

17 Tuan, 1983.

Argumentação teórica

CASA E SUBJETIVIDADE

A subjetividade é o nosso mundo interno, o nosso espaço psíquico, lugar onde acontecem as emoções, os sentimentos e também as percepções, a imaginação e a memória. O meio social tem influência decisiva na constituição de nossa subjetividade. O modo de vida, as oportunidades, as circunstâncias familiares e sociais é que vão dizer quais as condições de construção de nossa subjetividade, que é o nosso mundo interno.

Essa interação primeira, gênese de toda subjetividade, envolve indivíduo e meio. Pensar o que é do indivíduo, organismo, leva-nos a pensar nas condições mínimas necessárias. A troca do organismo com o meio não se dá apenas em nível biológico. O crescimento do ser humano deve chegar ao âmbito de trocas simbólicas e a dimensão afetiva, com todas as suas implicações, faz-se necessariamente presente nesse intercâmbio. Uma interação verdadeiramente humana deve se caracterizar (1) pela representação do outro dentro de nós sem nos confundirmos com ele (2) ao dar-lhe um lugar no sistema simbólico, aceitá-lo como um diferente, como ser desejante, mas igual enquanto direito ao desejo, reconhecendo-o como sujeito de sua própria história¹⁸.

18 Damergian, 2001.

O homem, como resultado da experiência íntima com o seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo com as necessidades que não são apenas biológicas, mas também sociais, culturais e psicológicas. Portanto, a casa está além do abrigo do corpo.

A história humana, segundo Valadares¹⁹, até hoje e, principalmente, na modernidade e na pós-modernidade ainda não resolveu ou não reconheceu que a casa vai além de suas funções básicas e elementares. Ao menos é o que, em grande parte as políticas habitacionais no Brasil, ainda hoje expressam.

Para além das funções básicas, são potencializadas pelo ambiente, aos sujeitos, condições de busca e de sabedoria, ou seja, da condição central de sua existência. Se a casa está sempre ligada à possibilidade de segurança e proteção, ele é também lugar de expressão pessoal.

O saber cada vez mais atraente é aquele sobre a habitação do mundo e confunde-se, desde a habitação do próprio corpo, com um conhecimento (co-nascimento) sobre o ambiente. Trata-se de um gesto delineado com a transformação do corpo em instrumento de viver. Desde a configuração das mãos, da expressão facial, o *saber-sabor*, fundado sobre a pisada na cena do mundo, é o instrumento primeiro na modificação do espaço²⁰.

19 Valadares, 2000.

20 *Ibid.*, p. 86.

O imaginário e o simbólico, presentes em diferentes modos de ser da vida humana, compõem a díade espaço-tempo no que diz respeito ao habitar. A produção da subjetividade e a construção da identidade do sujeito implicam, necessariamente, a sua própria expressão enquanto ser humano. E, nesse processo de construção de si mesmo, ele agrega, por meio de seu imaginário e das representações do mundo concreto que o cerca, elementos que vão compor esse processo de individuação. Espaço e lugar são conceitos que nos ajudam a entender esse processo. Benko²¹ contribui para esse entendimento ao explicitar os conceitos de espaço, lugar e território.

O espaço tornado território é investido de uma substância a qual chamamos de *Força Humana* que, juntamente com a paisagem natural e a construída, dá a morfologia do espaço e dita a sua dinâmica, organizando-o e definindo seus lugares num processo de decisão que pode ser democrático ou autoritário, mas que de todas as formas afeta a coletividade. A eficiência espacial, segundo Henao & Castañeda²², está relacionada ao tipo de solução que se dá aos problemas coletivos e deve, ter uma relação ótima entre os insumos e os resultados e que cumpra os objetivos da funcionalidade do espaço.

21 Benko, 2002.

22 Henao y Castañeda, 2001.

O espaço se estrutura numa posição geográfica. A contradição localização-distribuição se materializa, conforme Moreira²³, numa outra contradição a que ele chama de **alteridade-centralidade**. Na perspectiva dessa teoria, essa reciprocidade da **localização-distribuição** influenciará a estrutura espacial da sociedade sob duas óticas: a focal e a dispersional. A primeira preconiza que a construção da sociedade se dá a partir de uma referência de centralidade. A estrutura dispersional da distribuição preconiza que a relação entre as partes, as quais compõem a unidade dialética, se dá a partir da referência da pluralidade. Disso deduz-se que a organização do espaço acabará por desdobrar-se em outras formas, surgindo, além da relação subjetividade-espaço, uma relação sociedade-espaço. Essa pluralidade que compõe a distribuição vai servir de alicerce para a construção de uma sociedade que se caracteriza pela identidade e diferença, unidade e diversidade, hegemonia e heterogenia.

A centralidade, então derivada da localização, é um símbolo estruturante do conflito manifesto na organização da sociedade. A alteridade refere-se à pluralidade, uma estrutura de conflito que já traz em sua origem uma autorregulação. É desse imaginário que brota a natureza da hegemonia do olhar

23 Moreira, 2006.

totalitário da centralidade ou hegemonia do *olhar democratizante* da alteridade²⁴.

O processo de apropriação é um dos conceitos fundamentais da psicologia ambiental. Apropriar-se é sentir-se pertencente a um lugar. O sentimento de pertença é explicitado pelas formas como o sujeito se apropria dos espaços e dos lugares, sendo os principais: **identificação, personificação do lugar e cultivação**²⁵.

A satisfação com o desenho urbano está relacionada ao sentimento de proteção da apropriação. Quem ama o seu lugar o defende. Proshansky²⁶ coloca que o *attachment* (sentido de possessão que o sujeito tem com um território particular) influencia a construção de sua autoimagem e de sua identidade social²⁷.

Para Gonçalves²⁸, toda pessoa tem uma história social, cultural e ambiental. Isso quer dizer que a pessoa, na sua história social, carrega fatos, lembranças, relações que foram importantes. Todos esses elementos ganham valor simbólico, se analisados sob o ponto de vista da cultura. O valor simbólico é o sentido que o sujeito dá para todas as coisas, desde coisas materiais até as imateriais, como os elementos do mundo afetivo e espiritual.

Martin Heidegger²⁹ pensa o espaço vinculado à origem do lugar, na perspectiva de que o lugar teria um sentido mais tangível nos contextos em que se manifesta. O autor tinha uma visão própria sobre o ser humano. Situa o homem no mundo num processo de subjetivação cujo comprometimento com a construção de sua identidade é a alavanca do processo de construção contínua. E esse processo se dá no **lugar-origem**, ou seja, no lugar onde ele se constrói na dimensão da alteridade.

A casa nos fornece indícios dos valores, dos desejos e do que nos deixaria feliz. Cada quadro colocado na parede, cada foto colocada no porta-retratos, cada flor plantada no jardim espelham nossos comportamentos e mostram traços de nossa personalidade. Os que habitam as casas mais simples, os moradores das favelas, nas periferias urbanas, tentam acomodar sua casa às suas necessidades imateriais.

No espaço privado da casa sentimo-nos nós mesmos. A casa seria um refúgio que nos confortaria e aliviaria nossas dores. Essa seria a “casa ideal”, o lugar essencial ou o “paraíso perdido” no dizer de Valadares³⁰, pelo excesso de tarefas profissionais, sociais e domésticas. Ou seja, restitui a casa o lugar

24 Ibid., p. 74.

25 Gonçalves, 2007.

26 Proshansky, Fabian y Kaminoff, 1983.

27 Ibid.

28 Gonçalves, 2007.

29 Heidegger, 2002.

30 Valadares, 2000.

de refúgio e abrigo, que é tão essencial ao nosso bem-estar físico e psicológico.

Esses lugares devem transmitir liberdade e segurança, pois são os verdadeiros pontos de encontros e despedidas; um externo/interno sempre leal ao sujeito e ao seu grupo, à reunião. O sujeito não vive sem espaços de convívio de construção, de memórias, de sítios de recordações³¹. Assim, o espaço registra, atesta e testemunha percursos e práticas: é o ponto de nascimento da ética e da ontologia.

É preciso compreender, portanto, que o *não lugar* traz uma importância complementar ao lugar. O *não lugar* é como um silêncio. Desse silêncio surge a necessidade do lugar. Todos queremos conquistar o nosso lugar.

CASA E A SIMBOLOGIA DA ÁGUA

A água é um dos elementos que mais inspira a produção da imaginação humana. Ao se estimular essa imaginação é possível sairmos do campo material dos objetos sólidos, como terra, fogo, pedras e outros elementos e penetrarmos no mundo das imagens³².

Segundo Bachelard³³, a água é o elemento feminino que na dimensão do imaginário nos remete à vida, ao primeiro alimento na forma de leite

que o ser humano recebe. E pensar que uma casa pode não ter água seria quase um absurdo. No nível simbólico é impossível uma casa não ter água, mas no nível concreto, na realidade, é o que mais vemos em muitas regiões do mundo. O nordeste brasileiro há mais de 100 anos experimenta essa agrura da falta de água. Isso nos faz lembrar a canção *Súplica Cearense*, de Waldek Artur de Macedo, composta no ano de 1960 em um programa de rádio, no estado nordestino do Ceará, quando o programa arrecadava fundos para as vítimas da seca naquele estado. “*Oh! Deus perdoe este pobre coitado, que de joelhos rezou um bocado, pedindo pra chuva cair, cair sem parar*”. Essa canção tornou-se muito popular e conhecida no Brasil inteiro na voz do cantor popular Luiz Gonzaga.

A presença da água na habitação desde sempre envolveu muitas razões. Talvez a mais impressionante em valor simbólico, e que de certa forma ainda se manifesta nos dias atuais, tem sua origem nos tempos da era anterior a Cristo e é ricamente ilustrada nos textos do Antigo Testamento das Sagradas Escrituras: a água como fonte de vida, indispensável, por isso, às plantas do campo e à formação do próprio homem³⁴.

Além de símbolo da plenitude, a água traz o sentido de poder da purificação. Para os primeiros

31 Ibid., p. 85.

32 Bachelard, 1998.

33 Ibid.

34 Ibid.

cristãos, o banho dignificava o corpo e o batismo na água era o sinal de que o homem já se sentia pronto para estabelecer um maior comprometimento com a fé, dando mais um passo na luta contra o desejo corporal. Vemos como a água, além de purificar, era também capaz de proporcionar prazeres ao corpo que tanto os cristãos negavam, colocando-se à prova. Superar as sensações despertadas no banho era, para o cristão primitivo, um sinal de engrandecimento.

CASA E A SIMBOLOGIA DO FOGO.

A cena primitiva do descobrimento do fogo revelou, além dos significados simbólicos, um sentido funcional, utilitário: o homem percebeu o conforto que o fogo trazia e controlou-o. “Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo”³⁵. O fogo tem um poder simbólico intenso, arrebatador. Como diz Bachelard³⁶, vive no céu, vive em nosso coração, é íntimo e universal. Surge das profundezas da terra e mostra toda a sua força e o seu calor. Desce às profundezas e fica latente. Freud³⁷, em *A Teoria das Pulsões*, explica a natureza humana a força de suas pulsões, como se fosse o fogo que aflora e submerge. Se o homem pode garantir sua vida descobrindo e conservando o fogo, o

fogo simbolicamente na casa aquece nosso corpo, nossa comida e nosso convívio. “Dentre os fenômenos da natureza, é o único capaz de receber, tão nitidamente, as duas valorizações contrárias: o bem e o mal”³⁸.

Simbolicamente, o fogo tem o poder de purificar. Porém, ao homem foi dado o alerta: o homem deve saber lidar com o fogo, deixá-lo brando. O fogo na casa deve cozer, aquecer em vez de queimar. A simbologia do fogo na casa remete à vida. O homem morto não tem vida. O frio intenso congela o corpo e não deixa o sangue correr em suas veias. Ao contrário da água, o fogo não purifica lavando, diluindo, mas queimando. A vela ainda tem esse poder revelador e evocativo. Sua chama é força enigmática e quando nos fixamos nela isso nos faz transcender³⁹.

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE

Proshansky⁴⁰ dá o conceito de identidade de lugar como uma subestrutura da identidade do eu construída na relação com o entorno sociofísico em que a singularidade de cada pessoa é forjada. Nessa relação estão incluídas ideias, valores, sentimentos, atitudes, significados e concepções de comportamento relacionados a uma complexidade de lugares que definem a existência cotidiana de cada ser

35 Ibid, p. 11.

36 Bachelard, 1994

37 Freud, 1986.

38 Ibid.

39 Ibid.

40 Proshansky, Fabian y Kaminoff, 1983.

humano. E o lugar mais próximo da pessoa é a sua casa. Nessa perspectiva, a identidade de lugar deve ser compreendida como uma construção pessoal em que as experiências diretas com o ambiente físico modificam-na. Para o autor, a identidade de lugar tem um significado para o sujeito que ele incorpora à identidade do eu. Para cada papel que o indivíduo desempenha na sociedade existem dimensões e características do entorno físico que ajudam a estabelecer essa identidade. A casa dá o endereço que, por sua vez, identifica o sujeito no espaço do bairro e da cidade. Nesse sentido, a identidade de lugar (seu significado) é um componente específico do próprio eu do sujeito forjado na interação com o seu entorno sociofísico. Não ter casa, não ter endereço gera um sentimento de insegurança e menos valia, é o que experimentam os moradores das periferias urbanas que moram em áreas de riscos socioambientais e nas favelas. No Brasil, desde 2008, tem ocorrido muitos desastres naturais que atingem em cheio as pessoas que moram em áreas de riscos, em casas e bairros ou ocupações muito vulneráveis. Os casos ocorridos no Rio de Janeiro, em Petrópolis e na região norte do estado de Santa Catarina são emblemáticos. As imagens apresentadas na grande mídia mostraram as pessoas entre os escombros, procurando um

retrato, uma xícara, qualquer objeto que lembrasse a sua casa perdida. Quando o encontravam, seguravam aquele objeto com ternura e, ao mesmo tempo, desespero. Apertavam-no junto ao peito como se quisessem segurar entre as mãos a sua casa perdida. Sem casa, sem chão, sem referência.

A humanidade, de um lado, conseguiu gerar bens e serviços e, de outro, o inexplicável sob o ponto de vista humano, ou seja, expandiram-se a miséria, a marginalidade, a violência e a difusão de comportamentos extremamente narcisistas. Segundo Plastino⁴¹, se existe um consenso sobre a existência da crise, o mesmo não acontece em relação ao modo como ela é identificada. O autor atribui essas divergências às modalidades de conhecimentos que são utilizadas para construir uma concepção de crise. Contudo, diz o autor, há um consenso: o paradigma da ciência moderna influenciou instituições e práticas sociais e criou um sistema de crenças e verdades científicas como potentes instrumentos de dominação. É o que Habermas⁴² chama de razão instrumental dirigida a um fim. Em oposição a essa razão derivada do pensamento e da ciência cartesiana, Habermas propõe a razão e o agir comunicativos. Mas essa razão e agir comunicativos só teriam voz nos sujeitos de subjetividade integrada⁴³. Nessa perspectiva, Pol⁴⁴ diz que a subjetivida-

41 Plastino, 2004.

42 Habermas, 1990.

43 Damergian, 2001.

44 Pol, 1996.

de se estrutura nas dimensões Cognitiva, Afetiva, Interativa, Simbólica e Estética.

Gonçalves⁴⁵ observa que a interação dessas cinco dimensões vai constituir os processos psicológicos e é por meio delas que o sujeito vai relacionar-se positivamente com o seu mundo externo produzindo sua subjetividade, apropriando-se do espaço e criando lugares. Para Tuan⁴⁶, o lugar é um mundo organizado de significados. Nesse sentido, Tuan converge para o conceito de centralidade de Moreira⁴⁷ ao afirmar que o lugar é essencialmente estático. “Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver um sentido de lugar”⁴⁸. Esse ponto fixo seria o “lugar essencial” a que se refere Heidegger. É nessa perspectiva que o espaço se diferencia de lugar enquanto conceito. Nos lugares o sujeito efetiva o processo de significação. O lugar é específico, concreto, familiar, conhecido. É o ponto de práticas sociais específicas, que nos moldaram e nos formaram, e com os quais nossas identidades estão estreitamente ligadas.

As pessoas se relacionam com os lugares por meio da criação de significados e sentidos dados aos

objetos concretos e simbólicos que compõem esses lugares. Mas esse fazer parte do espaço é que passa a ideia e uma sensação de amplidão, movimento e liberdade. Já os lugares nos remetem à ideia de segurança, estabilidade, proximidade. Para Sennett⁴⁹, os lugares permanecem fixos. É neles que temos raízes. Para Tuan⁵⁰, embora o sujeito possa experimentar nos lugares sentimentos de segurança, estabilidade e a ideia de lar, há um movimento pessoal para o desconhecido e o incerto. Dessa forma, há uma articulação entre lugar e espaço. Para Tuan⁵¹, vivemos nos lugares, mas desejamos o espaço. A experiência envolve sentimento e pensamento. Ver e pensar segundo Tuan são processos intimamente relacionados. A inteligência, segundo o autor, é necessária à estruturação do espaço, mas os sentimentos refletem a essência dos lugares. “A paixão é o símbolo da força mental. O repertório emocional insinua a extensão do potencial intelectual”⁵². O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar quando nos apropriamos dele e o dotamos de valor. Se os personalizamos, deixamos neles a nossa marca. “As emoções dão colorido a toda experiência humana”⁵³.

45 Gonçalves, 2007.

46 Tuan, 1983.

47 Moreira, 2006.

48 Tuan, 1983, p. 198.

49 Sennett, 1999.

50 Tuan, 1983.

51 Ibid.

52 Ibid., p.11.

53 Ibid., p. 9.

O processo de apropriação é um dos conceitos fundamentais da Psicologia Ambiental. Apropriar-se é sentir-se pertencente a um lugar. O sentimento de pertença é explicitado pelas formas como o sujeito apropria-se dos espaços⁵⁴. A razão e o agir instrumentais de que fala Habermas contribuiria para esse comportamento competitivo e egoísta do ser humano no mundo atual⁵⁵. O desafio da contemporaneidade passa a criar as condições para que os verdadeiros humanistas preencham o espaço hoje ocupado pelos modelos identificatórios narcísicos, destrutivos, agressores, incapazes de amor e de solidariedade que nossa sociedade cria e dissemina⁵⁶.

Que são comportamentos destrutivos frente a natureza e a humanidade? Plastino⁵⁷, Damergian⁵⁸, Gonçalves⁵⁹ e Habermas⁶⁰ convergem em uma concepção de sujeito sugerida por Freud. Em *Teorias das Pulsões* (1986) e em *O Mal Estar na Civilização* (1969) Freud nos remete às premissas da psicanálise, ou seja, somos movidos por eros e por tãatos. Dessa forma, a teoria das pulsões de Freud sugere que podemos nos mover a comportamentos positivos ou destrutivos. Faz um alerta no sentido da necessidade vital de ultrapassarmos as fronteiras do narcisismo. “Assim,

organizaríamos nossas relações pessoais e individuais sob a marca de eros e da solidariedade em oposição ao individualismo que nos leva ao isolamento afetivo”⁶¹.

A experiência psicanalítica, segundo Santos⁶², sustentou a construção de teorias que permitem pensar formas de apreensão e produção de sentido, bem como a sua decisiva participação na constituição das subjetividades. Trata-se de uma questão de maior importância, na medida em que muda radicalmente a forma de conceber as questões centrais do sentido e do significado. Os sentidos a que se refere são os de ser ou de não ter realidade ou de possuí-la; de tê-la conquistado ou perdido; de ser amado ou rejeitado. Freud⁶³, em sua obra *O Mal Estar na Civilização*, remete-nos a essa reflexão. Para tanto, é preciso romper com o discurso hegemônico que elimina a dialética, indispensável à autonomia e à alteridade; à aceitação do diferente⁶⁴.

Não há dúvida de que existem pessoas que superam condições adversas e se afiguram como seres humanos éticos, amorosos, íntegros, a despeito da hostilidade do meio externo, mas são exceções que alimentam nossa esperança na salvação da humanidade⁶⁵.

54 Gonçalves, 2007.
55 Habermas, 1987.
56 Damergian, 2001, p. 113-114.
57 Plastino, 2004.
58 Damergian, 2001.
59 Gonçalves, 1989.
60 Habermas, 1990.

61 Freud, 1969, p. 82 apud Plastino, 2004, p. 447.
62 Santos, 2005.
63 Freud, 1969.
64 Damergian, 2001, p. 113-114.
65 Ibid., p. 95.

Análise dos dados empíricos

Uma análise de dados de pesquisa em processo ainda mediante recortes pontuais, aponta aspectos sugestivos e que vêm iluminados criticamente nas contribuições dos autores aqui apresentados.

Os dados coletados foram as falas dos sujeitos participantes e os registros etnográficos – fotografias e desenhos analisados pelos conceitos fundamentais de sustentação do marco teórico.

IDENTIFICAÇÃO

O processo de apropriação da casa, no campo que está sendo pesquisado, foi lento e difícil, uma vez que as pessoas eram, na sua maioria, forasteiras na perspectiva de Sennett⁶⁶ e tiveram dificuldade de se apropriar da cidade. Para 50 % das pessoas envolvidas na pesquisa já haviam habitado outras casas, sendo, para alguns, a quinta ou a sexta. De casa em casa tentavam melhorá-la tanto em termos de edificação, acabamento e ampliação, quanto em termos de organização e em função da dinâmica espacial dos moradores, “*até ficar do jeitinho que eu queria*”, disse uma das participantes da pesquisa.

Como foi exposto acima, o processo de identificação com a casa foi dificultado pela falta de

enraizamento no lugar. Para que este processo aconteça é necessário, segundo Pol⁶⁷ & Proshansky⁶⁸, certo grau de enraizamento, ou seja, a pessoa necessita de elementos que a identifique com a sua história, ou pelo menos a remeta a ela. Segundo Souza⁶⁹, o território é construído socialmente. A configuração e morfologia dos lugares dos territórios são construções humanas. O modo de vida pode se configurar de distintas maneiras quando se configuram práticas cotidianas.

O processo de identificação, que é o primeiro passo para no processo de apropriação, fica evidenciado pela maneira como o sujeito organiza a casa, trazendo elementos de sua cultura, quando “forasteiros”, ou elementos de sua história de vida, como objetos que lembram as diversas fases da vida. E ao se chegar como forasteiro em um lugar há que se costurar um processo de interação que sem os elementos identificatórios torna-se muito mais difícil.

Para a grande maioria (70%) das pessoas que participaram do coletivo da pesquisa, no recorte 2001-2010, o processo de apropriação se deu com a casa onde moram atualmente. Esta foi a casa sonhada, pensada por eles, para muitos o sonho de uma vida inteira e que lhes transmite segurança, proteção e aconchego. Muitos também disseram que essa casa lhes transmite paz.

66 Sennett, 1999.

67 Pol, 1996.

68 Proshansky, Fabian y Kaminoff, 1983.

69 Souza, 1995.

FOTO 1: SALA PERSONIFICADA.



Fonte: Laura Peres, 2010.

FOTO 3: DETALHE DA JANELA (CASA APROPRIADA).



Fonte: Lidiane Almeida, 2008.

100 revista invi Nº 80 / May 2014 / Volume Nº 29: 83-108

FOTO 2: CANTINHO DO SAGRADO.



Fonte: Caroline Scussel, 2010.

HABITAR. A casa como contingência da condição humana /
Teresinha Maria Gonçalves

PERSONIFICAÇÃO

Esta outra fase do processo de apropriação está sendo percebida e captada e nas formas como a pessoa organiza e “*decora*” sua casa, *quais e como os objetos são dispostos nas ambiências* (L. P ao se referir a M.). O processo de personificação fica evidente pelas fotografias expostas nos porta-retratos e pelos objetos de decoração feitos pelo próprio morador.

A sala, local por onde a casa se apresenta a quem nela entra, já diz ao visitante quem é a pessoa que ali habita. Todos que se apropriaram, personificaram sua casa e colocaram nela seus objetos, os quais são representativos de sua história e de seu próprio mundo interno. “*Coloquei aqui na sala objetos que dizem muito de mim, o violão que é meu companheiro, as fotos de minha família, objetos que falam por mim, percebe*” (comentário de M., participante da pesquisa realizada em 2010). Percebe-se que o violão tem um significado simbólico para M., que fala de música com os olhos brilhando.

Assim o espaço é o representativo das pessoas que nele vivem. Valadares⁷⁰ salienta que as pessoas organizam seus ambientes por meio de padrões estruturais e comportamentais, os quais orientam suas próprias vidas. Outro fato detectável em M. é que as características do lugar e da subjetividade

se assemelham, havendo uma troca entre ambos, sujeito e lugar. Ou seja, ao mesmo tempo em que ela introjeta em si as características do lugar também deixa nele suas marcas. É o que Sansot⁷¹ resalta ao referir que o processo de apropriação se dá em forma de mão dupla. Assim é que se constata que 85% dos participantes mantêm em sua casa um cantinho reservado ao sagrado, local onde geralmente colocam altares para homenagear entidades das mais variadas manifestações religiosas. Desde santos do credo católico até budas, anjos e pretos velhos, estes últimos referentes a credos dos credos afrobrasileiros.

CULTIVAÇÃO

A grande maioria das pessoas que compuseram o coletivo da pesquisa cultiva e cuida de sua casa tanto fisicamente – mantendo-a bem conservada – quanto simbolicamente – criando espaços para o convívio, para o sagrado, tanto fora, no entorno, como dentro de casa. O sentimento de pertença fica, dessa forma, muito claro. A fotografia é um recurso que mostra com clareza a cultivação. “*Questionado sobre o que achava de seu modo, E.S., um dos participantes da pesquisa, respondeu que ‘a minha casa é a minha cara’. Isto significa manter sempre os livros arrumados na escrivaninha e a foto de sua mãe em um local que lhe permite visibilidade em qualquer ponto do quarto*”. Cultivar

70 Valadares, 2000.

71 Sansot, 1996.

a casa simbólica é atribuir-lhe lugares onde as dimensões estéticas e simbólicas de subjetividade se manifestam. A memória e o convívio também são cultivados na maioria das casas visitadas. É característica do sul do Brasil o churrasco de domingo. Nas casas pequenas dos beneficiários dos programas de habitação do governo destinados à classe pobre, a cozinha é o cômodo maior e estende-se em forma de puxadinho ou de uma varanda coberta de lona, para ampliar o espaço de convívio e assim poder receber os amigos para o churrasco ou para o descanso após o trabalho.

SENTIMENTO DE PERTENÇA

Sentir-se pertencente a um lugar é apropriar-se do mesmo, personificá-lo e cultivá-lo. Como a maioria dos participantes da pesquisa apropriou-se da casa, ficou explícito que se sentem pertencentes a ela. *“Observei o orgulho com que ela fala de seu apartamento. No início foi um pouco difícil, mas aos poucos conseguiu colocar sua subjetividade em cada cômodo e hoje diz sentir muito aconchego. Para ela o apartamento é seu lugar de refúgio, lazer de descanso”* (Sartori, pesquisador de campo, referindo-se a T.I., uma das participantes da pesquisa).

LUGAR ESSENCIAL

Quanto ao lugar essencial, essa busca constante por esse “paraíso” ficou evidente em 86% dos

envolvidos na pesquisa. A casa é a contingência para continuar a busca por esse lugar. Assim, teríamos dezenas de exemplos de falas que expressam esse desejo de busca, impossíveis de serem aqui colocadas pela falta de espaço. Este registro amplo extrapolaria o objetivo deste texto.

A casa com alma não prescinde da edificação concreta, do traçado do arquiteto, do cálculo do engenheiro ou da mão ou do homem simples que constrói sua própria casa. Esse é o invólucro da casa simbólica.

Dito isso, entendo que uma casa com alma se caracteriza pelo fato de que nela os moradores sentem que podem mover-se livremente. Não falo apenas do movimento físico, mas também da fluidez de emoções e pensamentos. Uma casa com alma, portanto, é o espaço no qual os moradores exercem sem restrições os movimentos que lhes são confortáveis, no qual se sentem confortáveis para expressar suas características mais íntimas e particulares. A casa com alma é feita da mesma substância da qual são feitos seus habitantes, ela não somente reflete a personalidade dos moradores, mas nutre o universo mental deles. A casa com alma abriga e oportuniza momentos que fortalecem a identidade de quem nela vive. Como uma caixa de som ela reverbera as ideias, os sentimentos e as ações dos moradores. Como um espelho, ela reproduz os movimentos dos habitantes. Como um jardim, a casa com alma oferece um solo fértil para germinar e florescer o que faz seus habitantes felizes. Como um diário, ela registra as alternâncias vividas pelos moradores em

todas as áreas da vida. Ela se ilumina, abre-se ou se fecha no ritmo das vivências dos habitantes. A casa com alma é uma casa viva⁷².

A mesma sutileza com que a autora acima citada descreve a casa simbólica seria necessária para analisar esses elementos característicos do homem vivo, que tem sentimentos e faz devaneios, porque, segundo Paz⁷³, do mais simples ao mais letrado dos homens todos têm a dimensão estética no sentido de que a condição humana transcende a própria materialidade. O homem visto nessa dimensão de que casa necessitaria? A casa viva, por certo. A morfologia do espaço construído pode, segundo Pol⁷⁴ determinar comportamentos. No decorrer desta pesquisa ouviu-se falar de casa que liberta, que abre o coração e de casa que sufoca: *“Sinto-me sufocada nesta casa socada de janelas pequenas, nesta baixada e com este muro alto que me impede de ver a rua”*, disse uma participante. Também se ouviu falar da casa paraíso: *“quando entro em minha casa depois de uma viagem, o meu coração se abre. Sinto-me como se fizesse parte dela, para mim é como se fosse meu paraíso particular”*. Como mencionado, as emoções fluem, o imaginário das pessoas se alarga e cria devaneios. Nessa contingência emocional o processo de apropriação se dá de forma mais plástica, sem grandes perturbações. Muito instigador este aspecto

72 Scardua, 2012.

73 Paz, 1973.

74 Pol, 1996.

da casa como espelho em que seus habitantes dão uma morfologia dentro da casa pelos seus movimentos, seus hábitos, a conformação do espaço da casa para seus rituais.

Isso nos remete a Valadares⁷⁵ quando diz que sempre estamos em busca de nosso lugar e que na perspectiva deste estudo tal lugar refere-se a casa vista como o lugar essencial ou o paraíso perdido e nos remete a pensar que as pessoas mais pobres e mesmo a classe trabalhadora levam uma vida inteira para construir esse lugar, esse paraíso.

É difícil imaginar que o que estamos trazendo aqui possa ser pensado ou aceito para um incorporador urbano, o dono do capital imobiliário que constrói casas como objetos de consumo. *“Ano após ano economizando como se podia, fomos planejando nossa casa, que depois de vinte anos finalmente ficou pronta”*, disse outro participante da pesquisa. A longa espera pela casa, entre oito a 15 anos, está presente nos depoimentos de 79% dos que compuseram o coletivo da pesquisa.

IDENTIDADE DE LUGAR

A formação da identidade de lugar é decorrente da apropriação do espaço. Essa, por sua vez, é compreendida como o sentimento de possuir e

75 Valadares, 2000.

gestionar um espaço por uso habitual ou por identificação. “Um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo deixa sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica”.

Cada sujeito se apropria de um lugar de forma diferenciada, dependendo, portanto, de modelos culturais, sociais, estilo de vida, entre outros. Os processos de apropriação são complexos e se dividem em dois aspectos fundamentais: comportamentais e de ação-transformação.

O lugar tem um significado para o indivíduo que o incorpora à própria identidade. Na construção da identidade existem dimensões e características do entorno físico que são incorporadas pelo sujeito por meio da interação com o ambiente. Nesse sentido, a identidade de lugar é um componente específico do próprio “eu” do sujeito, forjado em um complexo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências. A identidade de lugar se fixa no ritmo das vivências de seus habitantes. Neste estudo, verifica-se que a identidade de lugar foi elaborada em relação a casa e não à cidade, especificamente. Como 90% dos entrevistados migraram ou são filhos de pessoas que migraram para Criciúma, acredita-se que esse fato dificultou o processo de identificação com o espaço maior, ou seja, a cidade.

Análise conclusiva

Adentrar o universo de uma casa é desvendar um mistério até então oculto para os pesquisadores da cidade, acostumados a traçados, cálculos, números e projeções. A pesquisa ajuda a dar visibilidade aos que habitam a cidade, dar voz aos que raramente são ouvidos. Compreender ou pelo menos entender seus sentimentos em relação a ter uma casa e levar essas informações ao planejamento urbano e aos programas de habitação é uma façanha para o pesquisador acostumado a trabalhar com hipóteses e projeções estatísticas. Reaver a linguagem poética (poética no sentido da dimensão estética do ser humano), é o ponto essencial para políticas e planejamentos urbanos mais humanizados.

Heidegger⁷⁶ enaltece a linguagem enquanto poesia. A linguagem poética presente nas narrativas dos sujeitos desvenda o mistério da palavra que o pesquisador agora entende e não mais decifra ou supõe. Ele busca lá no lugar do sujeito a narrativa sobre a realidade da qual ele faz parte, mas a vê sob outra lente. De acordo com este autor, a poesia pode dar acesso a uma privilegiada presença do ser.

A importância que a casa tem na vida das pessoas ficou evidente neste estudo. A maioria das pessoas apropriou-se de sua casa, embora tenha

76 Heidegger, 2003.

mencionado que a cidade não é ainda o lugar ideal. Um quarto das pessoas que participaram do coletivo da pesquisa no recorte temporal que foram envolvidas 320 pessoas, ou seja, 25% disse que se fosse possível colocaria sua casa em outro lugar, em outra cidade. Isso está sendo o grande achado da pesquisa.

Criciúma é uma cidade que não privilegia os espaços públicos. Há nela apenas duas praças com atrativos para o usufruto da população: a Praça Nereu Ramos, que fica no centro, no coração da cidade; e a Praça do Congresso, cercada por prédios de alto luxo e que, recentemente, vem gerando um conflito na cidade (os moradores desses prédios querem cercá-la e a população não quer abrir mão desse direito conquistado de frequentá-la livremente).

Criciúma é uma cidade ferida em sua paisagem física devido à atividade de mineração, a qual deixou parte de seu solo completamente degradado. Apropriar-se de um lugar hostil é para o sujeito o processo de apropriação se torna um processo muito difícil, quase impossível. No entanto, quando as pessoas se apropriam, podem transformar um lugar hostil em um lugar agradável e acolhedor.

Apesar do contexto negativo, a grande maioria das pessoas que compuseram o coletivo da pesquisa cuida de sua casa fisicamente – mantendo-a bem conservada – e simbolicamente – criando espaços para o convívio, para o sagrado, tanto fora, no

entorno, como dentro de casa. O sentimento de pertença fica, dessa forma, muito claro.

Quanto ao lugar essencial, essa busca constante por esse “paraíso” ficou evidente em 86% dos envolvidos na pesquisa. Está presente na maioria das narrativas. A casa é a contingência para continuar a busca por esse lugar.

Do ponto de vista simbólico, a casa representa a nossa psiquê, ou seja, as várias instâncias da nossa mente consciente e inconsciente. Nesse sentido, a casa, assim como a mente, expressa o conteúdo cognitivo e emocional que nos constitui como indivíduos distintos do grupo. Psicologicamente falando, isso faz da casa um repositório das nossas vivências físicas, afetivas e intelectuais. Isto ficou evidente ao serem analisados os conteúdos das narrativas. As pessoas experimentaram e descreveram sensações de bem-estar e sentimentos de pertença para com a casa. Como o sentimento de sentir-se em um paraíso ou de sentir-se sufocada. A história de vida dessas pessoas encontra no espaço doméstico um lugar favorável de expressão de seus sentimentos, de seu projeto de vida, de suas esperanças. Constatou-se que a maioria das pessoas considera a casa como o elemento que as situa, que as “finca” no mundo, constituindo-se um porto seguro, de onde partem para viver seu projeto de vida ou para refazê-lo depois das tentativas fracassadas. Então seria nesse espaço que retomariam a valência positiva para seguir em frente.

A casa seria quase um espelho da percepção que temos de nós e do mundo num determinado momento da nossa vida. Ao mesmo tempo, a casa oferece pistas valiosas dos valores e crenças que nos caracterizam num nível mais profundo, melhor dizendo, o espaço que habitamos espelha tanto nossos comportamentos atuais quanto traços mais permanentes da nossa personalidade.

Por ser parte tão significativa daquilo que nos distingue dos demais – nossas crenças, atitudes e valores –, a casa pode oferecer um espaço de reconhecimento da nossa identidade, em especial para nós mesmos. A rua, a escola, os ambientes de trabalho e de lazer, de forma geral, são pensados para acolher a diversidade de tipos humanos. Nos espaços públicos pode ser favorecida a distinção grupal – como os “territórios urbanos” que são frequentados por uma determinada tribo. Na casa é favorecida a distinção pessoal na medida em que em seu espaço singular a pessoa encontra-se consigo mesma. E esse tempo pessoal é necessário para a integração, para a subjetividade e onde deixamos a marca da nossa identidade pessoal.

A metodologia empregada nesta pesquisa mostrou-se eficiente para a perspectiva adotada, por isso acredita-se que o objetivo foi cumprido, uma vez que ficou claro para a equipe que leva a pesquisa adiante como se dá o processo de apropriação da casa.

O resultado esperado é o de que o conhecimento que vem sendo produzido, nesta pesquisa, mesmo. Seja apropriado pelos que se dedicam a elaborar programas de moradias e ao planejamento urbano em geral. Espera-se, que em um prazo médio, que o conhecimento produzido nesta e outras pesquisa que seguem esta perspectiva teórico-metodológica, possam ser incorporados aos programas de moradias.

Bibliografía

- BACHELARD, Gaston.** A água e os sonhos. São Paulo, Martins Fontes. 1998. ISBN 85-336-0819-5.
- BACHELARD, Gaston.** A psicoanálise do fogo. São Paulo, Martins Fontes. 1994. ISBN 1085133623607.
- BENKO, Georges.** Economia, espaço e globalização. 3a ed. São Paulo, Hucitec. 2002. ISBN 8527101440.
- DAMERGIAN, Sueli** A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. En: TASSARA, Eda, org. Panoramas Interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano. São Paulo, EDUC FAPESP. 2001. ISBN 85-283-0215-6.
- DENZIN, Norman K. y LINCOLN, Ivonna S.** O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2a ed. Porto Alegre, Artmed. 2006. ISBN 8536306637.
- FILHO, Alcides Goularti y CAROLA, Carlos Renato.** Memória e cultura do carvão em

Santa Catarina: impactos sociais e ambientais. Santa Cruz do Sul, EDUNISC. 2011. ISBN 9788532802217.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão: O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago. 1969.

— Pulsiones y destino de pulsión.. Buenos Aires, Amorrortu.1986.

GARCIA CANCLINI, Nestor. A globalização imaginada. São Paulo, Iluminuras. 2003. ISBN 85-7321-197-0.

GONÇALVES, Teresinha Maria. Cidade e poética: Um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí, Unijuí. 2007. 208 p. ISBN 9788574296197.

GONÇALVES, Teresinha Maria. Estereotipia da relação profissional-paciente e inibição do processo terapêutico. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1989. Dissertação Mestrado em Psicologia Social.

HABERMAS, Jürgen. O discurso filosófico da modernidade. Lisboa, Publicações Dom Quixote. 1990.

— Teoria de la acción comunicativa. Madrid, Taurus. 1987. ISBN 978-84-306-9952-0.

HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis, Vozes. 2003. ISBN 8532629202.

— Ser e tempo. 12a ed. Petrópolis, Vozes. 2002. ISBN 8532609473.

HENAO, José Ignacio y CASTAÑEDA, Luz Stella. El lenguaje marginal: expresión simbólica de la

exclusión urbana. *Territorios. Revista de Estudios Urbanos y Regionales.* (6): 101-117, febrero 2001. ISSN 0123-8418.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Organización territorial de Recife: el espacio urbano y el hábitat obrero. *Territorios. Revista de Estudios Urbanos y Regionales.* (11): 228, 2004. ISSN: 0123-8418.

MOREIRA, Ruy. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. En: SANTOS, Milton et al. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2a ed. Rio de Janeiro, DP&A. 2006. ISBN 8574903922.

PAZ, Octavio. La consagración del instante: el arco y la lira. En: ADORNO, Theodor W. et al. El arte en la sociedad Industrial. Buenos Aires, Rodolfo Alonso. 1973.

PLASTINO, Carlos. O quinto rombo: a psicanálise. En: SANTOS, Boaventura de Souza, org. Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo, Cortez. 2004. ISBN 8524909838.

POL, Enric. La apropiación del espacio. En: IÑIGUEZ, Lupicínio ed. y POL, Enric, ed. Cognición, representación y apropiación del espacio Barcelona, Universitat de Barcelona. 1996. p. 45-62. Monografias Psicoambientales vol. 9.

PROSHANSKY, H. M., FABIAN, A. K. y KAMINOFF, R. Place-identity: physical world socialization

- of the self. [En línea]. *Journal of Environmental Psychology*. 3(1): 57-83, março 1983. ISSN 0272-4944. Disponible en: [http://dx.doi.org/10.1016/S0272-4944\(83\)80021-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0272-4944(83)80021-8)
- SANSOT, Pierre.** Poétique de la ville. Paris, Armand Colin. 1996.
- SANTOS, Milton.** Da totalidade ao lugar. São Paulo, EDUSP. 2005. ISBN 8531408822.
- SCARDUA, Angelita Correa.** A alma da casa e a felicidade cotidiana. [En línea]. *Os sentidos da felicidade*. 2012. [Fecha de consulta: 12 noviembre 2013]. Disponible en: <http://angelitascardua.wordpress.com/2012/10/22/a-alma-da-casa-e-a-felicidade-cotidiana/>.
- SENNETT, Richard.** Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro, Record. 1997. ISBN 8501046205.
- SENNETT, Richard.** O Declínio do homem público. São Paulo, Companhia das Letras. 1999. ISBN 8585095822.
- SOUZA, Marcelo Lopes de.** O território sobre o espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. En: GOMEZ, Paulo Cesar da Costa et al. Geografia, conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil. 1995. ISBN 8528605450.
- TUAN, Yi-Fu.** Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel. 1983.
- VALADARES, Jorge de Campos.** Qualidade do espaço e da habitação humana. [En línea]. *Ciência & Saúde Coletiva*. 5(1), 2000. ISSN 1413-8123. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232000000100008>
- VALLADARES, Licia do Prado,** org. Habitação em questão. Rio de Janeiro, Zahar. 1980.